



COMISSARIADO DO PARANÁ

Freis Carmelitas

[www.freiscarmelitas.com.br](http://www.freiscarmelitas.com.br)

## NO MEIO DO POVO

### PEQUENAS COMUNIDADES REGIONAIS E COMUNIDADES DE DASE

#### TERCEIRO CONSELHO DAS PROVÍNCIAS

1975 — Dublin — Irlanda

Prezado Confrade,

Também a terceira reunião do Conselho das Províncias, realizada em Dublin de 29 de setembro a 4 de outubro sobre o tema "Pequenas comunidades religiosas e comunidades de base", quis sintetizar o resultado dos colóquios numa mensagem dirigida a todos os confrades.

É com muito prazer que lhe apresento agora este texto, para que seja lido e meditado por você e por todas as comunidades.

**"NO MEIO DO POVO"** estimula os que, levados por motivos sinceros e evangélicos, procuram novos caminhos para a vida comunitária carmelitana, centralizando-a na Palavra do Senhor e vivendo-a perto do povo, em pequenos grupos ou comunidades de base.

Além disso, tenciona oferecer novos impulsos a toda a Ordem para viver os valores fundamentais de fraternidade e comunhão, meditação e celebração da Palavra e, ao mesmo tempo, de serviço libertador feito aos homens que nos rodeiam, particularmente os marginalizados, os pobres e os humildes. É verdade que nós temos uma mensagem para eles, mas é ainda mais verdade que eles têm uma mensagem para nós. Ao vivermos perto deles, em contato com eles, descobrimos a nossa identidade (cfr. O Carmelita hoje, n. 5).

Na história da Ordem nunca faltaram à devoção filial e a imitação da Mãe de Deus. Ela é Mãe e decoro do Carmelo. Cada época manifesta para com Ela algum dos seus aspectos mais salientes, acentuando ou omitindo outros. Ao apresentar esta mensagem, quero apontar Aquela que é solidária, na estirpe de Adão, com todos os homens que carecem de redenção (cfr. Lumen Gentium, n. 53) e que, Filha excelsa de Sião, "tem a primazia entre os humildes e os pobres do Senhor, os quais confiantes esperam e recebem d'Ele a salvação" (Lumen Gentium, n. 55).

Envio-lhe as minhas cordiais saudações, recordando-o na oração. Dublin, 4 de Outubro de 1975.

**P. Falco J. Thuis, O. Carm.**  
Prior geral



COMISSARIADO DO PARANÁ

Freis Carmelitas

[www.freiscarmelitas.com.br](http://www.freiscarmelitas.com.br)

## A MENSAGEM

### INTRODUÇÃO

Reunimo-nos no nosso convento de Gort Muire (Dublin, Irlanda) para o anual Conselho das Províncias<sup>1</sup> e submetemos à nossa atenção e avaliação o tema das pequenas **comunidades religiosas** e das **comunidades de base**. O tema escolhido, depois de ter consultado as Províncias, é de grande atualidade: prova-o também o fato de ter sido amplamente tratado no último Sínodo dos Bispos (Outubro de 1974); além disso, está intimamente ligado com os assuntos tratados nas precedentes reuniões do Conselho das Províncias e da Congregação Geral de 1974<sup>2</sup>.

Nos documentos divulgados por essas reuniões, a Ordem aprofundou alguns valores determinantes da nossa vida: a oração e a fraternidade. Estes temas mereceram nas Províncias atenção e acolhimentos diversos; os valores que propunham obtiveram na prática realizações várias.

Fez-se uma avaliação<sup>3</sup>, embora genérica, de tais realizações. Tivemos a impressão de que, ao lado de um renovado empenho dentro do rumo da tradição, se tomaram também novas iniciativas; notamos, porém, determinadas demoras, devidas a lentidão, apatia, temor do risco, falta de modelos inspiradores. As dificuldades e lentidões não nos devem desanimar, antes incitar-nos à procura e à reflexão. Atentos aos sinais novos e à voz do Espírito<sup>4</sup> achamos uma idéia-guia para a nossa prática, no fenômeno das pequenas comunidades religiosas e das comunidades de base.

Não é nossa intenção atribuir valor absoluto a tais experiências com prejuízo de outras igualmente dignas de louvor e que o passado e o presente reconheceram como válidas, mas antes aceitar nelas - e convidar os outros a aceitar - a característica "profética" e as sugestões que nos hão de ajudar no nosso empenho de transformar em prática as indicações contidas nos precedentes documentos.

---

<sup>1</sup> O Terceiro Conselho das Províncias realizou-se de 29 de Setembro a 4 de Outubro de 1975. Nele tomaram parte os padres: Falco J. Thuis, Stefano Possanzini, Sean Coughlan, Richard Bryg, José Cardoso, Gondulfo Mesters, Joseph J. Ryan, Benitus Egberink, Miguel Barbero Moreno, Charles Haggerty, Ernesto Marzinotto, Hermann Luttkhuis, Salvador Cortés Ramos. Estiveram também presentes como peritos os padres Bruno Secondin, Albert Brincat. Os padres Emanuele Boaga e Christopher O'Donnell exerceram as funções da secretaria e os padres Redemptus Valabek e Mark Attard as de tradutores.

<sup>2</sup> Cf.: Comprometidos no serviço da fraternidade (Primeiro Conselho das Províncias, 1972); "Senhor, ensina-nos a orar" (Lc 11,1) (Segundo Conselho das Províncias, 1973); O Carmelita hoje: a fraternidade como caminho para Deus (Congregação Geral 1974).

<sup>3</sup> Cf.: Congregação Geral 1974: atos e documentação, Secretariado Geral O. Carm Roma 1974, p. 22-23 (da edição italiana) e p. 20 (da edição inglesa).

<sup>4</sup> Cf. Constitutiones O. N. n. 13.



COMISSARIADO DO PARANÁ

Freis Carmelitas

[www.freiscarmelitas.com.br](http://www.freiscarmelitas.com.br)

Com efeito, o tema da fraternidade e da oração tem um lugar central na experiência e na realidade das pequenas comunidades e das comunidades de base.

Ao falarmos das pequenas comunidades<sup>5</sup> e das comunidades da base, julgamos oferecer um ulterior serviço aos confrades e realizar uma obra de discernimento e observação dos sinais dos tempos. A vida de fraternidade e, sobretudo os valores vividos por ela e a **maneira** de vivê-los, bem como o **contexto** em que são vividos, devem sem dúvida ser postos em relação com o esforço de renovação da vida religiosa hodierna, achando uma forma concreta de realização na pequena comunidade e na comunidade de base.

Esperamos que a ação do Espírito encontre correspondência nos homens das nossas Províncias e nos superiores, para que se possa alcançaram uma compreensão e discernimento prático alinhados com a vontade de Deus, no que diz respeito à relação entre estas pequenas comunidades de estilo de vida religiosa das Províncias.

## **I. O FENÔMENO DAS PEQUENAS COMUNIDADES E DAS COMUNIDADES DE BASE**

Nascem em muitos lugares novas formas de comunidades cristãs; têm como característica a nostalgia da participação, da comunhão de fé vivida realmente nas relações interpessoais, de reconciliação evangélica; podem também ser relacionadas com a tendência para as relações de colóquio, de diálogo e de vida de conjunto: características do desenvolvimento sociológico hodierno. O centro da personalidade humana não se situa no "Eu" individual; pelo contrário, a identidade da pessoa revela-se na sua relação para com os outros. A experiência do diálogo e do intercâmbio diz também respeito ao âmbito da fé e torna-se solidariedade e inspiração. A coragem de crer inclui sempre uma confiança na experiência mais profunda dos outros.

---

<sup>5</sup> É necessário chamar bem a atenção para o conceito exato: não se trata de comunidades que, por exigências de Provinciais ou por iniciativas dos superiores ou ainda por circunstâncias alheias ao grupo têm um número reduzido de religiosos; trata-se de comunidades que vivem o radicalismo evangélico em um estilo novo fora das estruturas tradicionais.



Referimo-nos aqui a dois tipos de formas novas de comunidade no âmbito da Igreja: as pequenas comunidades religiosas e as comunidades eclesiais de base. Já têm uma difusão notável<sup>6</sup>.

O movimento das **pequenas comunidades** diz respeito, sobretudo à vida religiosa e nasce no seu seio. Pode-se afirmar que os religiosos de todo o mundo são conscientes da crise que acomete há anos a vida dos conventos e a criação das pequenas comunidades não é senão uma tentativa de solução positiva e concreta.

Várias circunstâncias ou experiências podem levar ao aparecimento de pequenas comunidades. Às vezes, é a redescoberta e a tentativa de dar formas novas aos valores de fraternidade, oração, Palavra, Eucaristia e encarnação no mundo; outras vezes, é o próprio mundo de oprimidos e pobres em que os religiosos vivem que os leva à reflexão, ao diálogo, a novas formas de vida. As pequenas comunidades - formadas em geral por 5 a 12 membros - tencionam viver a vida religiosa no radicalismo do Evangelho com um estilo novo, particular e muitas vezes fora das estruturas tradicionais. Isto ajuda a fazer sair a vida religiosa da grave crise a que está atualmente sujeita e torna-a capaz de contribuir eficazmente na missão de Cristo para com os irmãos.

Também as comunidades de base são uma resposta à crise que existe na vida e na missão da Igreja. São formadas por grupos que, em união de intenções, querem experimentar a presença do Senhor na comunhão fraterna e procuram refletir acerca dos acontecimentos à luz do Evangelho<sup>7</sup>. Já surgem em muitas partes do mundo, e, regra geral, como iniciativa da base e não como impulso da hierarquia. Estas novas formas de comunidades cristãs estão profundamente enraizadas nos valores mais genuínos da realidade da Igreja. Constituída por todas as categorias do Povo de Deus, a comunidade eclesial de base quer viver o espírito de vida evangélica com uma autêntica dimensão apostólica.

## II. UM OLHAR AS ORIGENS E À HISTÓRIA DA ORDEM

Ao reler a história da nossa Ordem, constatamos que o primeiro grupo de Carmelitas junto da fonte de Elias no Carmelo se apresenta com as características

<sup>6</sup> Cf. Concilium (edição italiana), ano XI, 1975, fase. 4: Comunità di Base, págs. 27-64, 159-168; o boletim SEDOC 1975, 197 segs., 375 segs. e passim. Indicações analíticas e descritivas para os cinco continentes também em II Sinodo dei Vescovi 1974, por G. Caprile, ed. "La Civiltà Cattolica". Roma 1975.

<sup>7</sup> Cf. Mons. E. Pironio, América Latina (panorama) ai Sinodo dei Vescovi 1974. Editado em II Regno- documentazione, ano XIV, 1974 n. 296. p. 511.



de uma fraternidade local, restrita quanto ao número que vive dentro do rumo da espiritualidade do movimento laical evangélico da época, prestando uma atenção particular aos valores que hoje chamaríamos do Êxodo (por exemplo, desapego, sobriedade de vida, trabalho, provisoriedade, simplicidade de estruturas), procurando o reino do Senhor a ser instaurado, ate visivelmente, na sua terra - a Palestina - com meios espirituais

A sua experiência tipicamente espontânea e carismática encontrou em seguida uma expressão escrita e de certo modo normativa na "vitae formula" que eles pediram e obtiveram do patriarca Alberto; essa norma foi depois estavelmente definida com a aprovação de Inocêncio IV. Na "vitae formula", juntamente com as poucas indispensáveis estruturas comunitário-eremíticas correspondentes ao tempo, lugar e finalidade, é freqüente a Palavra de Deus, com a qual o Carmelita é convidado a confrontar-se continuamente, devendo ser ela a base e a força de qualquer iniciativa<sup>8</sup>. Meditando com assiduidade a Palavra na solidão, na leitura divina, na oração, ele coloca no centro do seu dia a mesa eucarística e o louvor de Deus celebrado em comum<sup>9</sup>.

Com a aprovação de Inocêncio IV, a pedido dos próprios Carmelitas, foi inserido no desenvolvimento do carisma primitivo o elemento novo da fraternidade apostólica das Ordens Mendicantes: um tipo de vida que relembra a fraternidade itinerante de Cristo e dos Apóstolos e que, em vigilante escuta das inquietações do mundo, se apresenta como resposta a uma época para manifestar em todas as ocasiões o espírito de solidariedade fraterna para com o povo mais humilde das cidades e das aldeias. Daí, a procura de um equilíbrio entre a inspiração primitiva e as conseqüências da "missio apostólica" sempre houve na história da Ordem.

Na aprovação-adaptação de Inocêncio IV, permanece o valor do silêncio e da solidão salientado pela Regra quer na dimensão temporal e espacial quer como capacidade de escuta, de acolhimento e comunhão com os outros, que tornam autêntica a vida de fraternidade<sup>10</sup>. Somente isto torna possível e pleno o encontro com o Senhor, a cujo serviço está à comunidade<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> Cf. Regula O. N., cap. XIV: "quaecumque vobis agenda sunt, in verbo Domini fiant"

<sup>9</sup> Cf. Regula O. N., caps. VII, VIM, IX, XIV.

<sup>10</sup> Cf. Regula O. N., cap. XVI: "cultus iustitiae silentium est...".

<sup>11</sup> Cf. Regula O.N., Prólogo: "In obséquio Iesu Christi...".



No decorrer da nossa história, os vários movimentos de reforma que periodicamente acolheram a ânsia e a procura de renovação teve origem em pequenos grupos constituídos por elementos humana e espiritualmente integrados. Deles derivaram, por exemplo, a Congregação Mantuana (Convento das Selvas, Mântua e Girona), a Reforma Teresiana (no mosteiro da Encarnação de Ávila), a Reforma Turonense (no convento de Renes).

### III. A RELAÇÃO DO FENÔMENO ATUAL COM A ORDEM

As pequenas comunidades e as comunidades de base, sendo um fenômeno universal da Igreja, não podem deixar de interessar igualmente os Carmelitas. Nós também, como todos os religiosos, devemos encarar a crise atual e procurar novos caminhos para a revivificação da vida religiosa. Nestes dias constatamos a existência, no âmbito da Ordem, de algumas destas experiências e um interesse por elas em constante aumento. Com esta mensagem, desejamos salientar a importância que as **pequenas comunidades** - quer as de base quer as pequenas comunidades - podem ter no caminho da realização dos valores fundamentais da nossa vida religiosa. As Constituições exortam as nossas comunidades a "estarem **no meio do povo**, intimamente ligadas a ele e com grande abertura para ele, estimulando criticamente tudo o que diz respeito às suas humanas exigências. Deste modo serão uma autêntica expressão de fé, de esperança, de caridade e tornar-se-ão lugares aptos ao pleno desenvolvimento da pessoa".<sup>12</sup>

A pequena comunidade oferece possibilidades ainda maiores para uma inserção real e concreta na sociedade.

Sendo a nossa vocação na Igreja e pela Igreja também devemos dar a nossa aceitação ao fenômeno das comunidades acima descritas. Exige-o também o trabalho pastoral (por exemplo, paróquias, grupos, equipe pastoral), em que se encontram empenhados muitos dos nossos irmãos. A luz da experiência das comunidades de base, de modo especial, pode achar perspectivas novas e métodos novos para a atividade apostólica.

---

<sup>12</sup> Constituciones O. N., n. 30.



#### IV. OS VALORES DAS PEQUENAS COMUNIDADES

Não tencionamos fazer aqui uma enumeração completa. A realidade das pequenas comunidades é muito complexa, as experiências são numerosas e apresentam grandes diferenças entre si. Preferimos falar do ponto de vista espiritual mais do que sociológico, pedagógico ou pastoral; os valores que apontamos correspondem ao dinamismo do amadurecimento da pessoa como tal, e na medida em que é inserida em Cristo.

**1. Autenticidade de vida fraterna.** A pequena comunidade presta a maior atenção e oferece as suas energias a favor das pessoas e das relações interpessoais. Acredita profundamente no valor da "comunhão" como ideal e o dom maior oferecido aos homens por Cristo e na troca e apoio recíproco de experiência de fé; opera para que isto se realize em todas as dimensões e impulsos da pessoa. Junto à voz da consciência individual, dá-se margem à escuta dos outros; juntamente com a responsabilidade individual, há a participação comum ao discernimento, ao risco e à realização. O dom total de si mesmos ao serviço dos irmãos (diakonia) amadurece em um contexto de ascese interpessoal e realiza-se em conexão direta com a vida da própria comunidade. Por sua vez, a comunidade torna-se o suporte do empenho e do testemunho de cada um.

**2. Encontro com a Palavra de Deus.** Nestas comunidades, as pessoas confrontam-se com a Palavra de Deus e dela continuamente se alimentam. É aceita e proclamada pela comunidade, não em sentido abstrato, mas referindo-se continuamente ao caminho de libertação por ela vivido, às situações sociais e políticas em que a comunidade opera, e a esperança que proclama para si e testemunha entre os homens<sup>13</sup>. Atento ao que o Espírito sugere e proclama nas comunidades<sup>14</sup>, o pequeno grupo amadurece a sua liberdade em contato com a verdade<sup>15</sup>, tornando-se capaz de discernir a linha de ação e de empenho comum para promover e realizar a justiça e a comunhão entre os homens.

**3. Oração comunitária e Eucaristia doméstica.** A experiência de fraternidade libertadora e de encontro inspirador com a Palavra leva a comunidade a exprimir os valores e as suas experiências em momentos e gestos de oração: o

---

<sup>13</sup> Cf. 1 Pt. 3, 15.

<sup>14</sup> Cf. Apoc. 2, 17.

<sup>15</sup> Cf. Jo. 8, 32.



louvor, a conversão, a esperança, a expectativa, a comunhão, a luta espiritual. No centro de tudo isto está a Eucaristia como expressão total de fraternidade, de acolhimento e responsabilidade.

**4. Inserção na realidade local.** Estas comunidades fizeram-se notar, sobretudo por se preocuparem constantemente com a situação da sociedade em que vivem. Encontram a inspiração para a sua preocupação na atitude de Deus que na Sagrada Escritura é apresentada muitas vezes como empenhado em favor da dignidade e libertação do oprimido, do marginalizado, do pobre<sup>16</sup>. Estão convencidas que a grande massa dos últimos e dos oprimidos é a depositária mais verdadeira da realidade em que Deus suscita suas maravilhas<sup>17</sup>. Tomam sobre si mesmos esses males, partilham o estilo de vida, os sofrimentos e as lutas desses irmãos, empenham-se com eles e para eles a fim de eliminarem as causas daqueles males e de realizarem uma sociedade mais humana, mais justa e livre.

**5. Dinamismo e ousadia na fé.** Nestas comunidades cultiva-se particularmente a capacidade de adaptabilidade, de revisão constante, de conversão contínua. Trata-se de um dinamismo e de uma disponibilidade para o risco e o provisório (quanto a soluções e estruturas) que encontra o seu fundamento na experiência bíblica de libertação vivida pelo Povo eleito no êxodo e nos períodos de cativo.

Não queremos esconder aos nossos olhos os aspectos negativos e de qualquer modo criticáveis que às vezes, em várias maneiras, se apresentam nestas comunidades<sup>18</sup>. Preferimos, porém que se evidenciem os aspectos positivos acima indicados que podem ser mais inspiradores.

## V. REALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA NA ORDEM

Na nossa Ordem, existem algumas experiências que se podem reconduzir - nas linhas e valores essenciais - às comunidades de base e às pequenas comunidades religiosas. Falou-se desta realidade nas reuniões dos dias passados. A sua presença é motivo de alegria e os confrades que as guiam são merecedores do nosso reconhecimento e da nossa estima. Eles vivem com um estilo e forma própria,

<sup>16</sup> Cf. Lc. 4, 18 segs.; Is 61, Is. 15.

<sup>17</sup> Cf. Lc 1, 51-54; em que se apresenta Nossa Senhora como membro dos anawim

<sup>18</sup> Cf. B. Secondin, Indicazioni teologiche ed ecclesiológicas sulle comunità di base n. 6/3, e S. Possanzini, Valutazione delle piccole comunità e comunità di base, em Conselho das Províncias 1975: Atas e documentação, pelo Secretariado Geral O. Carm., Roma, 1975, p. 45, 51, 52 (do texto italiano) e 46-47, 54 (texto inglês).



em situações muitas vezes difíceis e perigosas, a resposta ao chamamento que o Espírito faz às comunidades e a toda a Ordem, para que haja fidelidade ao Evangelho e à vida; por isso fazem parte da nossa Ordem, caminhando com toda a Ordem e com todos os homens para a plena libertação e a realização da nova humanidade em Cristo.

O valor e a presença da oração pessoal e da reflexão individual acerca da Palavra de Deus não faltam nem devem faltar na sua vida, manifestando-se como um dos pressupostos necessários para serem sensíveis à voz do Espírito e para se tornarem fecundos os carismas que o próprio Espírito doou "para a edificação do Corpo de Cristo" <sup>19</sup>.

## VI. ALGUMAS DIRETRIZES

O fato de termos refletido amplamente acerca desta realidade, à luz também da experiência atual de muitas outras Ordens e de toda a Igreja, levou-nos a reunir aqui algumas indicações e diretrizes práticas. Não queremos com isto circunscrever o dinamismo do Espírito nem ditar normas jurídicas a este respeito; queremos antes apontar as circunstâncias melhores para que a fidelidade aos valores seja preservada de erros e métodos inoportunos que mais tarde produzem tensões e podem levar a falência pessoal e coletiva.

Para que o surgir de "pequenas comunidades" nas Províncias seja uma realidade viva e animadora capaz de dar contribuição que dela esperamos, é preciso um empenho constante em todos os níveis.

Saibam todos, que neste setor se encontram, mais que em outros, expostos ao risco, à audácia, à incerteza e à provisoriedade. É preciso, portanto, um grande espírito de diálogo, de confrontação, lealdade, discernimento na fé, sensibilidade para com o Espírito e os sinais dos tempos que surgem da história dos homens à procura de libertação.

### **Apontamos alguns aspectos práticos desse empenho:**

1. Um diálogo fraterno e aberto entre superiores e confrades idosos de dar vida a tais experiências;

---

<sup>19</sup> Ef 4, 12; Cf. 1 Cor 12, 4-27.



2. A plena maturidade psíquica das pessoas para responderem - caso o Espírito chame para novos caminhos - com disponibilidade adequada às exigências de tal vida (por exemplo, adaptabilidade, autocrítica, capacidade e convivência);

3. Uma avaliação e confronto sereno e objetivo entre os valores fundamentais e inspiradores da nossa vida religiosa, as exigências e os programas das pessoas interessadas na experiência, às necessidades e os empenhos de toda a Província;

4. A coragem de revisões de vários gêneros (por exemplo, reestruturação de Províncias, casas, trabalhos, projetos) que devem ser aceitos com ânimo generoso de ambas as partes;

5. Um diálogo e intercâmbio de experiências e avaliações entre os irmãos da Província e os da pequena comunidade. A fecundidade e vitalidade da pequena comunidade dependerão muito do diálogo que saberá entreter com a realidade e as pessoas de toda a Província;

6. Procura e desejo ardente de realizar a unidade do Corpo de Cristo que se manifesta através da comunhão com os pastores da Igreja e com todos os membros do Povo de Deus, superando na paciência e amor, os obstáculos que a fragilidade humana pode fazer surgir.

## **CONCLUSÃO**

Procuramos ver e interpretar o nascimento de comunidades de base e de pequenas comunidades religiosas de animação como um "sinal dos tempos". Dentro destes sinais podemos procurar novas possibilidades de plasmar de forma relevante a nossa existência como comunidade Carmelitana. Queremos convidar todos os nossos irmãos para uma reflexão pessoal e comunitária acerca destas realidades que começam a fazer sentir o seu peso na Igreja e na Ordem.

Procuraremos abrir-nos à ação do Espírito que nos infunde nova vida. Em um esforço conjunto de irmãos que procuram viver evangelicamente a sua vocação à fraternidade, transformemos em realidade e vida própria os valores que se acham nestas experiências.

A sua existência na Igreja e na Ordem é para nós fonte de esperança viva, convite para a procura comunitária de novos caminhos, estímulo para o discernimento evangélico, motivo de reflexão e revisão de estilos e formas de vida.



COMISSARIADO DO PARANÁ  
Freis Carmelitas  
[www.freiscarmelitas.com.br](http://www.freiscarmelitas.com.br)

O Espírito fala à Igreja<sup>20</sup> e inspira como e onde quer<sup>21</sup>. Nós devemos escutar a sua voz com coração aberto e mentalidade de fé<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Cf. Apoc. 2, 17.

<sup>21</sup> Cf. Jo 3, 8.

<sup>22</sup> Cf. Lc 2, 19; 2, 51; e Constitutiones O. N., n. 15.